

UM HERÓI, UMA HISTÓRIA, UMA CANÇÃO: O DISCURSO POÉTICO E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO EM "O MESTRE- SALA DOS MARES", DE JOÃO BOSCO E ALDIR BLANC

Edwilson da Silva Andrade¹

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

RESUMO: Este artigo analisa a canção “O mestre-sala dos mares”, dos compositores João Bosco e Aldir Blanc, com o intuito de percebê-la como eficaz instrumento de ação pedagógica para, através do prazer estético da letra, analisarmos a sociedade, seus posicionamentos ideológicos e as situações históricas que se constroem em seu interior, tentando apontar os objetos simbólicos e suas significações, bem como o papel das políticas de silenciamento. A análise acaba por revelar que a formação continuada e o comprometimento social são de extrema importância para construirmos na prática uma Educação conscientizadora e revela a necessidade de se buscar, conhecer, experimentar, despir-se da vestimenta tradicional, o que se dá no investimento na formação docente para que, munidos de instrumentais essenciais, os professores contribuam para com as discussões etnicorraciais em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: João Cândido. Memória. Discurso. Silenciamento. Formação continuada.

Introdução

Em março de 2003, o governo federal sancionou a Lei 10.639/03, que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. O objetivo desta Lei é assegurar o direito à cidadania e dignidade com vistas à divulgação e estudo da participação dos negros na construção da história brasileira. Temos consciência do árduo caminho a ser conquistado pelo povo brasileiro, pois os reflexos negativos deixados por relações subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação são verificados até hoje no interior da nossa sociedade e, portanto, na nossa escola. A necessidade de abrirmos espaço para a discussão na escola sobre a nossa identidade etnicorracial nos possibilita a construção de outro olhar sobre nós e sobre os outros.

¹ Especializa-se em Educação em Relações Etnicorraciais pelo CEFET/RJ e Arte-Educação pela UNIG. Formado em Pedagogia pela Universidade Iguazu, atualmente é Diretor do Centro Educacional Pingo de Gente, em Nilópolis.

Dessa forma, nós, educadores, devemos ter bem definidos os nossos compromissos sociais com muita objetividade, pois implantar ações que realmente façam com que as desigualdades etnicorraciais sejam discutidas e não dissimuladas significa assumir um ato de comprometimento com a sociedade. Como nos disse Freire (1994, p. 16), “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”.

1. Situando a história

O marinheiro João Cândido Felisberto, cuja saga povoara o imaginário dos brasileiros, sobretudo após o lançamento do samba “O mestre-sala dos mares”, na década de 70, o qual será afetuosamente compreendido e interpretado se levarmos em conta os fatos que fizeram desse simples homem um herói: não apenas a sua posição de marinheiro, mas de negro, cidadão, brasileiro, cuja voz, rosto e assinatura atravessaram a história sob o nome de "Revolta da Chibata".

Foi no governo do marechal Hermes da Fonseca, que ocupava havia apenas uma semana a Presidência da República, que tudo começou. Exatamente na noite de 22 de novembro, estavam os marinheiros de serviço nos encouraçados navios de guerra “Minas Gerais”, “São Paulo” e “Deodoro” e no navio de reconhecimento “Bahia”, todos ancorados no Rio de Janeiro, onde se deu a rebelião.

A principal reivindicação era o fim das chibatadas; as costas do marinheiro Marcelino Rodrigues, que fora penalizado com 250 chibatadas, eram seu símbolo. Mas os revoltosos exigiam ainda redução da jornada excessiva de trabalho e melhor alimentação.

Em seu depoimento à Fundação Museu da Imagem e do Som, o marinheiro João Cândido detalha seu papel à frente do movimento, como veremos no fragmento a seguir:

O comitê Geral resolveu, por unanimidade, deflagrar o movimento no dia 22. Naquela noite o clarim não pediria silêncio e sim combate. Cada um assumiu o seu posto e os oficiais de há muito já estavam presos em seus camarotes. Não houve afobação. Cada canhão ficou guarnecido por cinco marujos, com ordem de atirar para matar contra todo aquele que tentasse impedir o levante. Às 22:50, quando cessou a luta no convés, mandei disparar um tiro de canhão, sinal combinado para chamar à fala os navios comprometidos. Quem primeiro respondeu foi o “São Paulo”, seguido do “Bahia”. O “Deodoro”, a princípio, ficou mudo. Ordenei que todos os holofotes iluminassem o Arsenal de Marinha, as praias e as fortalezas. Expedi um rádio para o Catete, informando que a Esquadra estava levantada para acabar com os castigos corporais (BARBOZA, 1999, p. 9).

Apesar do imensurável valor, cujo caráter, no mínimo, humanitário tinha o objetivo de restabelecer a dignidade na vida de uma parcela da população brasileira que ainda presenciava, a bordo dos navios da Marinha, uma situação semelhante à dos navios negreiros que transportavam escravos em condições desumanas, João Cândido Felisberto, seis dias depois do início do movimento, confiando na palavra do presidente e na anistia votada às pressas pelo Congresso Nacional, deu ordem para que fossem recolhidas as bandeiras vermelhas. O Governo, no entanto, não cumpriu a sua parte do trato e os marujos envolvidos na Revolta da Chibata foram perseguidos, expulsos da corporação e presos – inclusive o líder João Cândido.

O tempo impusera certo silêncio sobre a história desse homem que cometeu o crime de querer acabar com os açoites nos marinheiros do Brasil, que tinham como base “(...) um decreto de 1890 que instituía a Companhia Correccional, sistema de castigos que iam de prisão em solitárias a cruéis chibatadas²”. Mas esse silêncio foi quebrado após a sua morte, quando a justiça poética da música de João Bosco e Aldir Blanc, sob o título de “*O Mestre-Sala dos Mares*”, celebrou o “*Almirante Negro*” que contribui decisivamente para acabar com os resquícios escravocratas na Marinha Brasileira.

Embora o silêncio tenha sido quebrado, durante a década de 70, a censura coagiu os compositores a mudarem a letra da música diversas vezes, proibindo que se acoplasse ao nome de João Cândido o título de almirante. Tentaram silenciar, resistindo ferozmente ao fato de que um negro pudesse alcançar posto elevado, a ponto de liderar uma revolta. A resistência se abriga na censura, na tentativa de mutilar as idéias principais da canção.

Além de ser esse, o ponto culminante do estudo aqui apresentado, como diria Orlandi, 1999, p.26. “A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”. O nosso objetivo com esse estudo é compreender os sentidos que produz o objeto simbólico, nesse caso a letra da canção “*O Mestre-Sala dos Mares*”, e, não descobrir uma verdade oculta no texto.

2. Letra composta e letra censurada: os objetos simbólicos e suas significações

O mestre-sala dos mares (Letra composta)
(João Bosco e Aldir Blanc)

Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo **marinheiro**
A quem a história não esqueceu

² REVISTA O GLOBO 2000. Rio de Janeiro, fascículo n. 5 (1909-1911), 2000, p. 109.

Conhecido como **almirante** negro
 Tinha a dignidade de um mestre-sala
 E ao acenar pelo mar, na alegria das regatas
 Foi saudado no porto
 Pelas mocinhas francesas
 Jovens palocas e por batalhões de mulatas

Rubras cascatas
 Jorravam das costas dos **negros**
 Entre cantos e chibatas
 Inundando o coração
 Do pessoal do porão
 Que a exemplo do **marinheiro** gritava, então:

Glória aos piratas, às mulatas, às sereias,
 Glória à farofa, à cachaça, às baleias,
 Glória a todas as lutas inglórias,
 Que através da nossa História
 Não esquecemos jamais

Salve o **almirante** negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais

(Mas, salve)

Salve o **almirante** negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais

O mestre-sala dos mares (Letra censurada)

Há muito tempo nas águas da Guanabara
 O dragão do mar reapareceu
 Na figura de um bravo **feiticeiro**
 A quem a história não esqueceu
 Conhecido como **navegante** negro
 Tinha a dignidade de um mestre-sala
 E ao acenar pelo mar, na alegria das regatas
 Foi saudado no porto
 Pelas mocinhas francesas
 Jovens palocas e por batalhões de mulatas

Rubras cascatas
 Jorravam das costas dos **santos**
 Entre cantos e chibatas
 Inundando o coração
 Do pessoal do porão
 Que a exemplo do **feiticeiro** gritava, então:

Glória aos piratas, às mulatas, às sereias,
 Glória à farofa, à cachaça, às baleias,
 Glória a todas as lutas inglórias,
 Que através da nossa História
 Não esquecemos jamais

Salve o **navegante** negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais

(Mas, salve)

Salve o **navegante** negro
Que tem por monumento
As pedras pisadas do cais

(BLANC, 1999, p. 23).

Época de carnaval, em plena ditadura militar, quando estoura nas rádios o samba “O mestre-sala dos mares” nas vozes de Elis Regina e João Bosco. Logo no início, a canção proclama que “Há muito tempo nas águas da Guanabara / O dragão do mar reapareceu”, seguido da identificação “Na figura de um bravo feiticeiro / A quem a história não esqueceu”.

Imediatamente, os primeiros versos trazem em si uma memória: de que há muito tempo, isso quer dizer, décadas atrás, a Baía da Guanabara foi palco de um grandioso evento na qual o sujeito, considerado um ser lendário, torna a aparecer no mar. O que significa não ser essa sua primeira participação em um fato histórico. Esta análise confirma a tese de que não se tratava de um marinheiro de primeira viagem, mas de alguém experiente, cuja participação inclui a Revolta da Armada em 1893.

Para demonstrar que o texto, está repleto de significação, observemos que a representação do sujeito encanta, atrai uma população a quem a história não esqueceu. A palavra **a quem** retoma o substantivo **feiticeiro** que, ao contrário do que muitos possam imaginar, não está ligada à religiosidade do indivíduo e sim ao seu caráter envolvente, sedutor, que reuniu mais ou menos 800 negros e mulatos, entre brancos e caboclos, os quais protestaram contra o governo para que fosse abolida aquela modalidade anticristã de punição, que eram as chibatadas.

O fato de as pessoas não se esquecerem de sua história se deve à repercussão do fato e por vivenciarem cotidianamente cenas que trazem à memória a Revolta, o protesto, a tirania. Na época em que o samba foi lançado (no período ditatorial), era notória essa realidade.

Após a identificação, os versos “Conhecido como navegante negro / Tinha a dignidade de um mestre-sala” sustentam o que se diz e sobre quem se diz. Famoso pelas obras e atividades realizadas, João Cândido ficou conhecido como “navegante negro” por duas condições. Primeiro, pensado em relação a sua posição dentro de um determinado espaço (Marinha). Segundo, no que refere a sua identidade negra. Então, nos perguntamos: “quem são os negros que frequentavam aquele espaço militar?”

Negros e mulatos nem podem sonhar em alcançar os postos elevados. Os subalternos pertenciam às chamadas classes inferiores, onde eram recrutados a laço nas ruas, embora houvesse quem se inscrevesse como voluntário, imaginando pelo menos um

prato de comida todos os dias; ou talvez uma viagem pelo mundo, apesar das condições desumanas de trabalho (RODRIGUES; OLIVEIRA FILHO, 1999, p. 33).

Se negros e mulatos não podiam nem sonhar com os postos elevados, entende-se que a oficialidade procedia de famílias nobres e brancas. No entanto, o verso “Tinha a dignidade de um mestre-sala” pressupõe que João Cândido, apesar de não pertencer a famílias nobres e nem ser branco, tinha uma função, um título que lhe conferia uma posição graduada. A expressão “mestre-sala” confirma a idéia de que o título ou função seria referente ao de um “comandante”.

Na segunda estrofe da música, os compositores, através de seus versos poéticos elucidam as cenas que levaram João Cândido a liderar essa campanha de libertação, trazendo em seus versos um discurso que remete ao período da escravatura no Brasil.

O símbolo da Revolta da Chibata é expresso no verso: “Rubras cascatas / Jorravam das costas dos santos / Entre cantos e chibatadas / Inundando o coração”. A canção nos mostra que o sentido da palavra “santos” refere-se aos “negros” e faz alusão à paixão de Cristo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas configuram-se na imitação da paixão de Cristo, o que nos leva a considerar “santos” todos os que passam por aquela situação.

O que inundava os corações? Os sentimentos de indignação, de repulsa, que se transformavam em combustíveis que chegavam ao íntimo, a ponto de embrenhar-se no emocional “Do pessoal do porão”, em sua maioria, negros e mulatos que haviam ou não passado por tais constrangimentos. “Que a exemplo do feiticeiro gritava, então” indica que o agitador dessa classe desfavorecida é o **feiticeiro**, que, como explicado anteriormente, não está ligado à religiosidade de João Cândido, mas às suas peculiaridades de líder.

Ao gritar: “Glória aos piratas, às mulatas, às sereias / Glória à farofa, à cachaça, às baleias / Glória a todas as lutas inglórias / Que através da nossa História / Não esquecemos jamais”. Em uma espécie de surrealismo, essa estrofe mais parece o estouro das vozes silenciadas que em plena ditadura militar protestam, trazendo à memória discursiva o que não devemos calar, e sim seguir o exemplo de João Cândido.

Todas as palavras mencionadas na estrofe, ainda que pareçam incoerentes, estão de certo modo significando, ali, o modelo de cidadão ético que na luta pelos direitos das classes desfavorecidas lançou ao mar toda a aguardente para que os comandados não se embriagassem. E trancou os camarotes dos oficiais, para não serem violados. João Cândido poderia ter destruído a cidade com a artilharia e tropas que possuía sobre seu controle. Porém, manteve o controle sobre seus ânimos, sendo sóbrio.

As últimas estrofes aclamam: “Salve o navegante negro / Que tem por monumento, as pedras pisadas dos cais”. A palavra **navegante**, neste caso, não se refere a qualquer homem do mar; é uma referência vaga e indireta sobre as peculiaridades da profissão de João Cândido, o qual recebeu o título de marinheiro ao ingressar na Marinha Brasileira e lá servir nossa pátria por 17 anos.

O verso “Que tem por monumento, as pedras pisadas dos cais”, é uma afirmação que não há um memorial destinado a transmitir à posteridade, a pessoa notável que foi João Cândido, e muito menos, revelar essa parte da nossa história que é de grande valia na construção da identidade brasileira.

3. Da letra composta à letra censurada: um trabalho da política de silenciamento

Desfeita a ilusão das palavras sinalizadas na letra censurada, percebe-se que a letra composta e a censurada têm o mesmo discurso ideológico. Observando as duas versões, entende-se “que as palavras não têm sentido nelas mesmas; elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”. Desse modo, mesmo com as substituições de palavras, o sentido permanece, determinado ideologicamente pelas formações discursivas que, “por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (ORLANDI, 1999, p. 43). Podemos afirmar que mesmo com as mudanças realizadas pelos compositores, as quais foram inúmeras, até chegar às letras aqui apresentadas, o sentido não mudou, pelo simples fato de não estar atrelado às palavras, mas à compreensão do texto.

Orlandi afirma que “as palavras falam com outras palavras” (ORLANDI, 1999, p. 43) e foi exatamente o que observamos pela comparação das letras apresentadas. Palavras como revolta, sangue, entre outras, foram substituídas a ponto de não as encontrarmos explicitamente na letra composta. Várias outras mudanças foram feitas, como a substituição dos títulos “Almirante Negro” e “Navegante Negro” pelo poético “O mestre-sala dos mares”. Com isso, percebe-se que a tentativa da classe dominante de silenciar e condenar ao esquecimento a história do nosso povo, de um herói negro, se caracteriza pela repreensão daqueles que tentam enaltecer esses valores e história.

O próprio Aldir Blanc afirma:

Tivemos diversos problemas com a censura. Ouvimos ameaças veladas de que o CENIMAR não toleraria loas a um marinheiro que quebrou a hierarquia e matou oficiais, etc. Fomos várias vezes censurados, apesar das mudanças que fazíamos, tentando não mutilar o que considerávamos as idéias principais da letra (BLANC, 1999, p. 21).

O problema todo residia nas palavras marinheiro, almirante, negro, que traziam a memória à historicidade já esquecida, de um oficial da Marinha do Brasil, negro, que no 22º ano de vigência da abolição liderou uma revolta que contava com mais de 700 homens negros e mulatos com o intuito de abolir, além dos açoites, a má alimentação, os trabalhos forçados, que se configuravam como reflexo do sistema escravista no Brasil.

A letra composta, além de resgatar o processo histórico, o qual tornou João Cândido conhecido como “almirante negro”, trazia à memória a lembrança de que a abolição da escravidão no Brasil foi parte de um processo no qual os negros foram força influente e atuante, cuja resistência desgastou o sistema escravista, o qual, já moribundo, recebeu o golpe de misericórdia do Movimento Abolicionista.

Logo, toda a tentativa de calar e mutilar as idéias principais da canção é, na verdade, uma forma de política, que tem o objetivo de silenciar as camadas populares. Essas políticas de silenciamento são sombras de um passado histórico, cujo “(...) discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 1999, p. 43), os quais trazem à lembrança os açoites, as correntes e os grilhões como forma de domar a rebeldia dos escravos, e que em plena ditadura militar, era percebida através da censura, perseguições e prisões, que serviam para abater o orgulho e quebrar os brios dos cidadãos brasileiros.

Considerações Finais

Do início da colonização brasileira até a ditadura militar, muitos foram os caminhos percorridos. Caminhos que apontam sentidos ideológicos que se inscrevem na historicidade brasileira, e revelam que o trabalho de políticas de silenciamento tinha o intuito de calar as vozes da população marginalizada da nossa sociedade. No entanto, percebe-se através da letra da música apresentada que com a linguagem podemos recontar e resgatar a história, além de trazer à memória do povo brasileiro conhecimentos que reforçam o orgulho de nossa origem africana. Fazer a leitura desta canção em uma perspectiva pedagógica significa refletir sobre o nosso papel enquanto educadores.

Entretanto, Vasconcellos (2005, p. 36) afirma que o “(...) trabalho da ideologia dominante vai no sentido de anestésia a percepção das contradições e a consequente necessidade de mudança”. É o que acontece constantemente no cotidiano escolar. Parece que nós, professores, ficamos anestesiados. Vivemos em um tempo no qual a questão racial é mais

do que um tema contemporâneo: ela mexe com nossas subjetividades e encontra um forte apelo na formação humana. Contudo, ao lidarmos com a questão racial, nos silenciemos.

Esse silêncio pode apontar várias significações: medo, preconceito, discordância, apatia, surpresa, reflexão, indagação, insegurança, ansiedade, ou pode ser o resultado de uma política de silenciamento: “A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (BERGER, 1999, p. 10).

Se acreditamos que a escola, sobretudo a pública, deve ser um espaço democrático onde as diferentes presenças se encontram e são tratadas com dignidade, faz parte do exercício profissional dos educadores(as) atuarem como agentes de transformação na superação do racismo e de toda e qualquer forma de discriminação (GOMES, 2006, p. 21).

A partir do exposto, podemos inferir o quanto precisamos nos libertar da resistência à busca, de conhecer, de experimentar; carecemos de nos despir dessa vestimenta de professor tradicional, quando não se falava em formação continuada. Uma vez formado, estaria apto a atuar na sua área o resto da vida. Hoje essa realidade é diferente, e por isso devemos investir em nossa formação para que munidos desses saberes essenciais e elementares possamos contribuir com a melhoria da qualidade do ensino e efetivar políticas afirmativas de inclusão social.

A construção de estratégias pedagógicas que visem ao combate ao racismo é uma tarefa de todos os educadores, independente da sua formação ou pertencimento etnicorracial. Deste modo, a Análise do Discurso se apresenta como um dos possíveis caminhos para o desvelamento e desconstrução do preconceito em nossa sociedade. A música popular, por sua vez, com seu poder e abrangência, configura-se como eficaz instrumento de ação pedagógica para, através do prazer estético das letras das canções, analisarmos nossa sociedade, seus posicionamentos ideológicos e as situações históricas que se constroem em seu interior.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, M. T. A Revolta da Chibata. In: Museu da Imagem e do Som (Org.). *João Cândido: o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

BERGER, J. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

BLANC, A. O mestre-sala dos mares. In: Museu da Imagem e do Som (Org.). *João Cândido: o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 23.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994 (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

GOMES, N. L. *et al. Identidades e corporeidades negras: reflexões sobre uma experiência de formação de professores (as) para a diversidade étnico-racial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

REVISTA O GLOBO 2000. Rio de Janeiro, fascículo n. 5 (1909-1911), p. 97-120, 2000.

RODRIGUES, D; OLIVEIRA FILHO, A. L. Em tempos de João Cândido. In: Museu da Imagem e do Som (Org.). *João Cândido: o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

VASCONCELLOS, C. S. *Planejamento: projeto de ensino, aprendizagem e projeto político pedagógico*. 14 ed. São Paulo: Libertad, 2005.

Um herói, uma história, uma canção: o discurso poético e os processos de significação em “O mestre-sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc

Edwilson da Silva Andrade

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

ABSTRACT: This paper analyzes the song "O mestre-sala dos mares, by João Bosco and Aldir Blanc, in order to look for tools regarding pedagogical action, emphasizing the aesthetic pleasure of the lyrics, observing as well the society depicted in it, its ideological positions and the historical background the song encompasses, trying to point out the symbolic objects with their meanings, especially the role of the political silencing. This investigation reveals that continued education and social commitment are of utmost importance to build a practical conscious education. We defend the idea that we teachers must seek knowledge, experience, leaving behind the traditional tools by investing in our training in order to acquire these essential knowledge, contributing therefore to the rehabilitation and improvement of the ethnical and racial relations in our country.

Key words: João Cândido. Memory. Speech. Silence. Continuing education.